

8.122.

Título:

O processo de adaptação dos estudantes ao ensino superior: um estudo com estudantes de uma escola de educação e de uma escola de saúde

Autor/a (es/as):

Sousa, Rita [Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade do Porto]

Lopes, Amélia [Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade do Porto]

Ferreira, Elisabete [Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade do Porto]

Resumo:

A entrada no Ensino Superior é, claramente, um período de transição na vida do estudante, surgindo muitas vezes como desencadeadora de novas aquisições e estruturas pessoais com particulares reflexos no desenvolvimento cognitivo e psicossocial (Pascarella e Terenzini, 2001), pelo que a relação que o estudante cria com a própria instituição de ensino e a forma como se envolve nas suas dinâmicas é preponderante para a sua boa adaptação e para o seu sucesso educativo. Neste sentido, torna-se relevante abordar a pertinência dos indivíduos integrarem grupos onde desenvolvam um sentimento de pertença, sendo esse um elemento facilitador da boa adaptação do corpo estudantil. No contexto do Ensino Superior podemos reportar estes grupos para a Praxe Académica e para a Associação de Estudantes por serem os organismos que, de maneira geral, mais mobilizam os estudantes, desempenhando portanto um papel fulcral e decisivo na sua adaptação. No entanto, importa não esquecer ou minimizar o papel que a própria instituição deve ter no acolhimento dos novos estudantes (Sousa, 2009).

Esta comunicação visa apresentar dados exploratórios recolhidos no âmbito de um projeto sobre formação inicial de professores e enfermeiros, através da realização e análise de dois grupos focais, um com estudantes de uma escola superior de educação e outro com estudantes de uma escola superior de enfermagem.

A análise de conteúdo desenvolveu-se segundo uma lógica indutiva que permitiu desenvolver um conjunto de ideias relativas ao processo de integração e adaptação, assim como à própria experiência académica dos estudantes de uma Escola Superior de Enfermagem e de uma Escola Superior de Educação. As semelhanças e diferenças evidenciadas na análise constituem aspetos a ter em conta na continuidade do estudo.

Palavras-chave:

Ensino Superior; processo de adaptação; estudantes; ensino; enfermagem

1. O processo de adaptação dos estudantes ao Ensino Superior

A entrada no Ensino Superior é, claramente, um período de transição na vida do estudante, surgindo muitas vezes como desencadeadora de novas aquisições e estruturas pessoais com particulares reflexos no desenvolvimento cognitivo e psicossocial (Pascarella e Terenzini, 2001), sendo também um marco no processo de construção de identidade do estudante, pelo que a relação que este cria com a própria instituição de ensino e a forma como se envolve nas suas dinâmicas é preponderante para a sua boa adaptação e para o seu sucesso educativo. Segundo Magalhães e Stoer (2004: 97), “a identidade é um processo de criação de sentido pelos grupos e pelos indivíduos”. Esta *criação de sentido* varia de acordo com os contextos na qual tem lugar, sendo, portanto, fundamental perceber o papel que cada contexto tem na construção da identidade, neste caso em particular, interessa perceber o papel do Ensino Superior na (re)construção de identidade, assim como, perceber a pertinência dos indivíduos integrarem grupos onde desenvolvam um sentimento de pertença, sendo esse um elemento facilitador da boa adaptação do corpo estudantil.

Nos últimos anos, tem-se verificado uma maior complexidade no tipo de relação que existe entre os estudantes e as instituições de Ensino Superior que eles frequentam (Sá et al., 2011). Assim a relação que o estudante cria com a própria instituição de ensino e a forma como se envolve nas suas dinâmicas, é preponderante para a sua boa adaptação e para o seu sucesso educativo (Lopes e Pereira, 2012). De facto, se o estudante estiver envolvido na ‘vida’ da instituição de ensino que frequenta, se fizer parte das suas dinâmicas, se estiver implicado nas diversas actividades que decorrem no mundo académico a sua adaptação será mais fácil e rápida, sendo, portanto, o sentimento de pertença um factor a ter em consideração quando nos referimos às questões da adaptação.

Neste sentido, percebemos que as instituições de Ensino Superior e os seus professores não podem continuar a manter uma posição tradicionalista de alheamento face aos problemas dos seus estudantes, devendo adoptar uma postura activa na procura de soluções para ajudar os estudantes na sua transição e adaptação. Assim, cabe às instituições e, em particular, ao corpo de professores terem atitudes inclusivas em relação a todos os seus estudantes. Considerando a necessidade de se arranjam estratégias de ensino que promovam a participação activa e valorizem as opiniões dos estudantes, torna-se relevante abordar a pertinência dos indivíduos integrarem grupos onde desenvolvam um sentimento de pertença, grupos onde sejam

defendidos interesses em comum, ou seja, é relevante perceber que os indivíduos “necessitam do apoio de grupos que carreguem consigo uma tradição moral capaz de reforçar suas próprias aspirações” (Robert Bellah *cit in* Castells, 2003: 79), sendo esse um elemento facilitador da boa adaptação do corpo estudantil. É, neste sentido, importante promover o desenvolvimento de relações interpessoais que, ao facilitarem a comunicação e as linguagens, estabelecem laços sólidos nas relações humanas (Antunes, 2003), contribuindo para que os estudantes se sintam bem acolhidos nas suas instituições de ensino.

A passagem pelo Ensino Superior é um período marcante onde os estudantes têm de “encarar pressões académicas, mas também conflitos pessoais e sociais” (Pereira, 2005: 11), onde lhes são feitas novas exigências e atribuídas novas responsabilidades pelo que é necessário proporcionar-lhes circunstâncias curriculares e organizacionais que promovam alguma estabilidade e que sejam facilitadoras da construção de um futuro profissional e pessoal, isto é, torna-se necessário assegurar mecanismos que garantam a estabilidade psicológica e emocional dos estudantes. A entrada no Ensino Superior implica também a projecção do estudante num determinado futuro profissional, futuro esse para o qual ele vai trabalhar ao longo de todo o curso, pelo que é fundamental que este sistema de ensino se adapte às novas necessidades e deixe de lado a sua posição de isolamento “que só foi possível enquanto pôde trabalhar com pequenas elites intelectuais” (Santos *cit in* Gonçalves et al, 2001: 13). Torna-se então, essencial, que o Ensino Superior tenha a capacidade de se abrir à comunidade, considerando as suas reais necessidades e expectativas e formando jovens com as competências (técnicas e pessoais) necessárias ao mundo do trabalho.

É importante destacar ainda, que o papel do Ensino Superior em muito ultrapassa o ‘simples’ objectivo de equipar aqueles que a frequentam com competências técnicas para o desempenho de determinada profissão, ou seja, não cabe ao Ensino Superior apenas a tarefa de formar futuros profissionais. É então, fundamental integrar na formação Superior novas possibilidades de desenvolvimento pessoal; novos conhecimentos através de um processo de formação contínua que enriqueça a cultura geral, académica e profissional dos estudantes; novas competências com vista à intervenção; atitudes e valores relativos não só a si próprio, mas também aos outros e às situações do quotidiano (Sousa, 2009). De facto, torna-se importante que este nível de ensino tenha a preocupação de formar bons profissionais, com as competências técnicas necessárias, mas também a preocupação de formar pessoas capazes de desenvolver um pensamento crítico e de desenvolver competências relacionais, especialmente quando nos reportamos a cursos e profissões caracterizadas pela forte relação entre conhecimento científico e dimensão relacional, como são os cursos de Educação e de Enfermagem (Dubet, 2002).

Deste modo, percebe-se que a qualidade da transição para o Ensino Superior depende, em grande parte, do equilíbrio “entre fontes de desafio e meios de apoio percebidos por cada

estudante e que lhe permite construir (ou não) sentido de mestria para lidar com uma nova fase da sua vida” (Tavares, 2008: 292). Assim, percebe-se que as dificuldades que os estudantes percebem no decorrer do seu percurso académico podem constituir obstáculos à sua adaptação e integração, sendo por isso de extrema importância que os órgãos competentes desempenhem o seu papel no sentido de contribuírem para a sua adaptação.

No contexto do Ensino Superior podemos reportar estes grupos para a Praxe Académica e para a Associação de Estudantes por serem os organismos que, de maneira geral, mais mobilizam os estudantes e contribuem para a construção de redes sociais entre pares, desempenhando portanto um papel fulcral e decisivo na sua adaptação. No entanto, não nos podemos esquecer ou minimizar o papel que a própria instituição deve ter no acolhimento dos estudantes. De facto, os estudantes sentem-se muitas vezes ‘deslocados’ em relação ao ambiente e às dinâmicas já existentes, sendo por isso fundamental ter à sua espera uma base de apoio forte, a qual se traduz na existência, por parte da instituição de Ensino Superior, de mecanismos e serviços responsáveis pela recepção e boa adaptação dos seus estudantes.

A Praxe Académica percebida enquanto rito, ou seja, “enquanto um conjunto de condutas individuais ou colectivas (...) com uma forte carga simbólica” (Rivière cit in Tavares, 2008: 366), tem como objectivo integrar os novos estudantes na vida académica e facilitar a sua adaptação à instituição onde ingressaram. Deste modo, a Praxe pode ser percebida como um organismo que celebra a passagem do estudante para o Ensino Superior, permitindo-lhe a entrada na comunidade académica e a partilha de uma identidade entre os estudantes, tendo como função o apoio ao aluno recém-chegado através do fomento da sua integração no ambiente académico, propiciando-lhe oportunidades para aumentar e aprofundar as suas redes sociais de apoio, nomeadamente entre pares (Tavares, 2008). A Praxe pode então surgir como facilitadora do processo de adaptação dos estudantes, potenciando o sentimento de pertença face à instituição. Também o facto de a Praxe ser praticada por alunos mais velhos sobre alunos mais novos permite, muitas vezes, que fora do contexto de praxe estudantes mais velhos se relacionem com estudantes mais novos, que se troquem apontamentos, ‘dicas’, comentários que acabam por facilitar a integração dos estudantes aos respectivos cursos. Desta forma se percebe, a importância que os pares, neste caso, estudantes mais velhos, podem ter no que concerne ao apoio na adaptação ao Ensino Superior. No entanto, importa referir que a participação na Praxe Académica nem sempre ocorre de forma totalmente voluntária, na medida em que muitos dos estudantes do primeiro ano sentem alguma pressão em participarem neste tipo de práticas, acabando por fazê-lo, muitas vezes, por ‘obrigação’ ou mesmo com medo de represálias. O que remete para as relações de poder materializadas em muitos dos actos realizados no âmbito destas práticas. Relações que se explicitam como claramente assimétricas e sobre as quais poderíamos interrogar da sua democraticidade. Neste sentido, é fundamental considerar o papel

que a Praxe Académica desenvolve na integração dos estudantes mas também de que forma estas práticas podem funcionar como um motor de receios, ansiedades e pressões.

Também a Associação de Estudantes desempenha um papel de destaque na sua relação com os estudantes, na medida em que a participação associativa tem um potencial estruturador e de identitização cultural, podendo ter um papel fundamental de formação e educação (Fernandes, 2001). De facto, todo o tipo de participação associativa contribui para que se criem maiores laços entre pessoas de uma comunidade, neste caso específico, a participação na associação de estudantes contribui para um maior envolvimento na vida da instituição potenciando mais fortemente a relação entre os estudantes e, até mesmo, entre o corpo discente e docente. No fundo, as pessoas tendem a agrupar-se em organizações onde, ao longo do tempo, geram um sentimento de pertença e pelos quais são revelados e defendidos interesses em comum (Castells, 2003).

Assim se justifica e compreende a necessidade das pessoas, neste caso em concreto dos jovens estudantes, em integrarem grupos onde encontrem e partilhem significados e interesses. Tendo já considerado o papel da Praxe Académica e da Associação de Estudantes no processo de adaptação dos estudantes que frequentam o Ensino Superior, podemos concluir o papel de relevo que o grupo de pares possui neste sentido. De facto, aquando a entrada dos estudantes na instituição de ensino, o grupo de pares constitui um dos elementos preponderantes nas questões da adaptação e inclusão dos membros recém-chegados. As relações interpessoais têm, como sabemos, uma importância e dimensão imprescindíveis à vida humana, sendo o grupo de pares e a sua influência na nossa vida, exemplo disso. Em qualquer idade o grupo de pares tem influência nas decisões que tomamos, nas opiniões que formamos, nos gostos que desenvolvemos, nos caminhos que seguimos, no entanto, é na adolescência e na jovem adultez que esta influência ganha maior notoriedade, constituindo para os jovens um ponto de referência que acaba por proporcionar, como podemos constatar, um sentimento de identidade e reconhecimento. As interações entre pares durante a aprendizagem têm o potencial de funcionar como um processo facilitador do desenvolvimento intelectual e psicossocial dos sujeitos (Dias, 2006). De facto, o papel do grupo de pares deve ser encarado com alguma atenção na medida em que pode funcionar como um motor para a boa adaptação dos jovens que chegam todos os anos às instituições de Ensino Superior, devendo ser encarado pelas mesmas como um instrumento de auxílio.

Para além do papel desempenhado pela Praxe Académica e pela Associação de estudantes, onde o grupo de pares tem também maior destaque, é importante não esquecer o papel que a própria instituição desempenha no processo de adaptação dos estudantes. Para além da recepção realizada por parte dos estudantes mais velhos, também a recepção proposta e realizada pelas próprias instituições de ensino tem um papel importante e de destaque, sendo, numa primeira

iniciativa, concretizada numa sessão solene no início de cada ano lectivo com o objectivo de apresentar a instituição e os seus órgãos. Contudo, são inúmeras as medidas que podem ser, e são, muitas vezes, tomadas pelas instituições de Ensino Superior.

Neste sentido, Soares et al. (cit in Tavares, 2008) referem a organização institucional estruturada e normativa; mecanismos de recepção e de suporte aos alunos; mecanismos de acompanhamento educativo, vocacional e psicossocial dos estudantes; trabalho conjunto de professores e alunos para a promoção da aprendizagem e sucesso escolares; esquemas de flexibilização de percursos de formação, de aprendizagem e de formas de avaliação como alguns dos possíveis contributos institucionais para a adaptação dos estudantes ao Ensino Superior. De facto, são várias as estratégias e os mecanismos que as instituições de Ensino Superior têm ao seu alcance face às questões relativas à adaptação a este nível de ensino, cabendo, contudo, a cada uma delas adoptar as mais indicadas ao seu contexto, público e necessidades gerais.

2. O processo de adaptação dos estudantes ao Ensino Superior: um estudo exploratório com estudantes de uma escola de Educação e de uma escola de Saúde

No âmbito do projeto FIPAIF – Formação Inicial de Profissionais de Ajuda e Identidade dos Formadores: um estudo sobre o ensino e a enfermagem –, foi desenvolvida uma análise indutiva dos dados recolhidos através da realização de dois grupos focais, um com estudantes de uma escola superior de educação e outro com estudantes de uma escola superior de saúde. O grupo de estudantes entrevistados reúne estudantes de todos os anos curriculares, de cada curso. A análise, que se centrou nos discursos dos estudantes, permitiu desenvolver um conjunto de ideias relativas ao processo de integração e adaptação, assim como à própria experiência académica dos estudantes. Neste sentido, considera-se pertinente abordar a forma como os estudantes destas duas escolas percebem o tipo de relações que se estabelecem entre docentes e estudantes, e as suas repercussões no seu próprio bem-estar. São de realçar, também, algumas considerações relativas à participação dos estudantes em eventos e actividades académicas, na associação de estudantes, na praxe, e nas próprias actividades da escola que frequentam.

Começando por analisar a dimensão relacional como factor que contribui para a adaptação dos estudantes do e ao Ensino Superior, podemos interpretar nos discursos dos entrevistados a importância das relações que se estabelecem entre professores e estudantes mas, também, a importância das relações entre os próprios docentes e entre os próprios estudantes. Considerando que a transição para o Ensino Superior é um processo complexo que implica um esforço por parte dos estudantes em adquirir novas estratégias adaptativas bem como novos

mecanismos nas relações que estabelecem, importa referir a importância que o apoio dos professores pode desempenhar na boa adaptação dos estudantes. Assim, entre formadores e estudantes das duas escolas parecem existir relações que são enquadradas pela política da instituição e outras que resultam numa prática mais individual. As primeiras decorrem do cuidado que os professores colocam e incutem na relação pedagógica, como condição de promoção do desenvolvimento dos estudantes. De forma geral parece haver um modo característico e predominante que considera a relação entre os professores e os estudantes caracterizada pela disponibilidade dos primeiros para atender às solicitações dos segundos: *“qualquer professor está sempre disponível para nos atender, para esclarecer as nossas dúvidas, para nos acompanhar, quando estamos a fazer um trabalho, ou quando estamos a estudar – em qualquer circunstância há disponibilidade por e-mail, por telefone, no horário de atendimento, aqui na instituição; há sempre essa abertura e essa facilidade para entrar em contacto com eles. E isso é importante para nós.”* (Ana – educação). Essa disponibilidade, em alguns casos, transforma-se em disponibilidade para organizar a formação de acordo com as solicitações dos destinatários: *“há uma preocupação em moldar as aulas e o que é ensinado ao que nós já sabemos através de outras disciplinas, ou seja, há uma preocupação em interligar os conhecimentos sempre que é possível”* (Henrique - enfermagem). Este é um traço diferenciador do modus operandi das Escolas se comparadas com outras instituições de ensino superior que contribui para o bem-estar dos estudantes e, conseqüentemente, para o seu desenvolvimento e sucesso académico, assim como para o seu desenvolvimento pessoal: *“disponibilidade e apoio total dos professores, que sempre foram ao longo do curso um apoio importante tanto a nível profissional como pessoal”* (Diogo - enfermagem). A proximidade entre professores e estudantes aparece neste estudo como uma mais-valia para a boa adaptação dos estudantes e até para a desconstrução de alguns estereótipos relativos às relações que se criam entre docentes e estudantes no Ensino Superior: *“um aspecto muito positivo, como já foi dito é a disponibilidade entre os professores, têm horas de atendimento, o e-mail, alguns até nos disponibilizam o nº de telefone (eu achei fantástico, porque nem no secundário isso era possível)”* (Rute - educação). De facto, e apesar de este ser um nível de ensino para adultos, não deixa de ser fundamental o desenvolvimento de uma relação de proximidade docentes-discentes, não só por facilitar o seu processo de adaptação mas, também, por facilitar o sucesso académico dos estudantes.

De algum modo, o enquadramento institucional das relações de proximidade aos estudantes tem vindo a ser uma característica da história de ambas as Instituições, assumindo, por vezes, contornos de excessivo paternalismo, que acaba por inibir e dificultar a autonomia dos estudantes: *“uma característica menos boa é o excesso de preocupação de alguns professores que não nos dá tanta autonomia, ou seja, fazem com que nós não nos sintamos tanto alunos do ensino superior mas mais do ensino secundário porque é um excesso de zelo”* (Vânia -

enfermagem). Aliás, este é o único aspecto menos positivo que os estudantes referem relativamente à cultura de apoio e disponibilidade que marca as relações entre professores e estudantes das duas escolas em questão.

Resultante da análise dos discursos dos estudantes que participaram nos dois grupos focais, percebeu-se a relevância que as relações entre os professores podiam ter para os estudantes, sentindo-se a necessidade de abordar esta questão. Neste sentido, surgem, entre as duas escolas em estudo, diferenças significativas. Na escola superior de saúde os discursos dos estudantes dão conta da existência de boas relações entre o corpo docente, sendo os professores competentes, exigentes e com genuína preocupação de interligação de saberes. Dizem ainda que os professores se conhecem e recorrem uns aos outros contribuindo e facilitando assim o seu desenvolvimento *“o que senti foi que os professores se conhecem e têm dinâmicas de cooperação entre eles no sentido de nos propiciar as melhores oportunidades e contextos de aprendizagem”*(Diogo - *enfermagem*). Contrariamente, os estudantes da escola superior de educação realçam a existência de alguma inimizade entre os docentes, que se traduz em algumas discórdias e conflitos entre eles o que, do ponto de vista dos estudantes, constitui um clima de tensão não favorável ao seu processo formativo: *“é uma coisa tão notória, tão notória em determinadas unidades curriculares (...). É terrível, eu já assisti a coisas muito aborrecidas”* (Sílvia - *educação*).

O Ensino Superior é, como já foi referido, um período de transição no qual os estudantes são confrontados com uma diversidade de novas situações, ambientes e interações, que levam a que estes tenham a necessidade de reorganizar e refazer a sua rede de suporte social (Seco et al. cit in Ferreira, 2008). Neste sentido, percebemos que a entrada no Ensino Superior implica não só uma adaptação dos estudantes em relação às novas práticas pedagógicas, como implica também o desenvolvimento de novos mecanismos nas relações que estabelece. Assim, uma das questões que foi considerada relevante para este artigo, prende-se com o papel que os pares podem desempenhar no processo de adaptação dos estudantes ao Ensino Superior. De facto, o grupo de pares pode contribuir de forma decisiva para o bem-estar (ou mal-estar) dos jovens estudantes, desempenhando assim um papel decisivo na sua boa adaptação.

Neste sentido, importa reflectir sobre as relações entre estudantes, salientando que, nos contextos em questão, estas variam em função da idade, das turmas, dos anos de frequência do curso, do espírito de ajuda ou de competição, assim como do tipo de tarefa em que as relações ocorrem. Os depoimentos recolhidos permitem considerar que, apesar de todas essas variações, de forma geral existe um bom entendimento entre os estudantes e a presença de um forte espírito de ajuda acompanhado de laços de amizade e apoio relacional. No entanto, existem particularidades subjacentes à realidade da escola superior de educação que merecem consideração. Neste sentido, e apesar de serem salientadas relações de ajuda e de

colaboração entre os estudantes, estas sucedem principalmente dentro do grupo turma, nomeadamente nos trabalhos de grupo em que está em causa a nota, ou no caso de haver interesses em comum relativamente à própria instituição. De facto, podemos interpretar que o tipo de relações interpessoais que se cria entre pares nesta instituição de ensino se refere mais à dimensão académica do curso, existindo mesmo, vários discursos que destacam uma certa competitividade e até inveja entre os estudantes associadas à questão da avaliação: *“também há a tal competitividade, e inveja que nós podemos sentir quando já são notas mais individuais, quando são trabalhos mais individuais, e que se nós temos uma melhor nota que outro colega nosso nota-se bastante, comentários e assim. Há inveja, (...) como gostavam de ter, mas como não têm, recorrem a outros meios para expressarem a sua opinião, em vez de tentarem chegar a essa nota”* (Maria - educação).

Sabendo que não são apenas os serviços que a instituição oferece, mas também a construção de espaços comuns sobre os quais se constrói uma identidade da instituição baseada naqueles que a formam (Zabalza, 2004) que marca e favorece o sentimento de pertença em relação à instituição de ensino de que os estudantes fazem parte, e considerando o foco deste artigo, importa agora analisar os discursos dos entrevistados no sentido de perceber o nível de participação dos estudantes na vida académica, nomeadamente na Praxe e na Associação de estudantes, e o seu papel na sua adaptação às instituições de Ensino Superior de que fazem parte.

Como sabemos, as relações interpessoais são um dos eixos considerados fundamentais quando nos referimos às questões de adaptação, e isto porque é muito importante que o sujeito tenha uma base sólida de apoio em qualquer momento de transição. De facto, é extremamente importante a integração dos jovens estudantes em grupos onde desenvolvam um sentimento de pertença e onde sejam defendidos interesses em comum, sendo esse um elemento facilitador da boa adaptação do corpo estudantil. De forma geral, este tipo de grupos é representado, no Ensino Superior, pela Praxe Académica e pela Associação de Estudantes. Na verdade, através da análise dos discursos dos estudantes entrevistados percebemos a importância do contributo destes organismos para a adaptação dos estudantes, em especial o contributo da Praxe Académica que, segundo alguns entrevistados, é eleita em relação à participação noutros eventos e actividades promovidos pela Associação de Estudantes ou pela Escola. Um dos principais objectivos da Praxe prende-se com o apoio prestado aos estudantes recém-chegados *“através do fomento da sua integração no ambiente académico”* (Tavares, 2008: 371), aumentando e promovendo as suas oportunidades para desenvolver redes sociais entre os seus pares. Através da análise dos discursos recolhidos, comprovamos que a Praxe teve um papel fundamental no processo de adaptação de quase todos os estudantes da escola superior de saúde, sendo inexistentes referências à Praxe pelos estudantes da escola superior de educação. Assim, para os estudantes de enfermagem a Praxe facilitou não só a interacção com outros estudantes

mas também o desenvolvimento de um sentido de “comunidade”: *”se não fosse a Praxe eu não estava tão integrada como estou nesta escola. Não conhecia as pessoas que conheço, e não me sentia tão à vontade para falar com quem quer que fosse nesta escola para pedir apontamentos, para pedir qualquer coisa, dúvidas que tenho ou assim. Acho que, de facto, a Praxe pelo menos aqui acho que integra”*(Carolina - enfermagem).

Relativamente à participação dos estudantes noutra tipo de actividades, nomeadamente, em actividades organizadas pela Escola e/ou pela Associação de Estudantes, é curioso perceber a falta de enunciados. Curioso porque, sendo este um organismo de estudantes para estudantes, era de esperar que houvesse um maior interesse e ligação relativamente a ao mesmo. No entanto, é referido pelos estudantes o interesse em participar activamente nas decisões da Escola que podem ter influências no seu próprio percurso formativo, sendo reconhecida a existência de momentos propícios a isso: *“a escola proporciona esses espaços e esse tempo com os alunos, normalmente no final de cada ano. Escuta o grupo do 1º ano, do 2º ano, do 3º ano e do 4º ano um bocadinho, também neste sentido, de discutirmos coisas boas e coisas más sobre o curso, sobre aquele ano, sobre o plano de estudos, sobre todos os aspectos que nós consideremos importantes referir e é criado mesmo esse espaço na escola”* (Filipa - enfermagem). Para além da importância da Escola proporcionar momentos de partilha de opiniões, é também importante que os estudantes sintam que as suas sugestões e opiniões sobre determinado assunto sejam tidas em conta pelos órgãos de gestão da escola, podendo contribuir para mudanças efectivas, o que se constitui como factor preponderante para fortalecer o sentimento de pertença face à instituição de ensino. Ideia que é comprovada pelos estudantes entrevistados: *“nota-se que já há aquela reformulação que nós já tínhamos sugerido”* (Ana Vitória - educação); *“tem sempre havido um esforço do conselho pedagógico e da coordenação de curso para nos ouvir e para tentarem mudar”* (Diogo - enfermagem).

Tendo já sido referida a relevância do grupo de pares no processo de adaptação e no próprio bem-estar dos estudantes do Ensino Superior, também o espaço físico pode ter influências neste domínio. Na escola superior de educação referida neste projeto, são evidenciadas críticas à falta de espaços destinados ao convívio dos estudantes: *“os jardins podiam estar muito mais aproveitados, e podiam ser dinamizados de outras formas, para proporcionar também esse convívio. E mesmo em termos de espaços, o bar lá em baixo é impossível, é muito barulho, aquilo é”* (Ana - educação). Esta situação pode dificultar o fortalecimento de laços entre pares, na medida em que as suas relações ficam cingidas ao espaço ‘sala de aula’ ou aos locais destinados ao estudo e trabalhos de grupo. Na escola superior de saúde, também a organização dos serviços de apoio e os profissionais que aí trabalham (de que são exemplo a biblioteca ou os serviços académicos) são valorizados e avaliados positivamente pelos estudantes. No entanto, o facto do espaço físico, por ser de pequenas dimensões, favorecer o conhecimento e interacção

dos estudantes leva a que, por vezes, se compliquem e proporcionem um tipo de proximidade e conhecimento gerador de conflitos: “*o facto de ser uma escola pequena e de se saber de tudo. Isso é um bocado demais. É um aspecto negativo*” (Carolina - enfermagem). De facto, um bom ambiente físico, capaz de corresponder às necessidades do seu público, contribui para que o estudante se sinta bem e, em contrapartida, seja um facilitador da sua adaptação.

Em síntese

As especificidades inerentes ao Ensino Superior, nomeadamente as novas exigências, as novas relações de poder, os novos espaços podem, muitas vezes, traduzir-se em dificuldades nos vários níveis do processo de adaptação. É importante referir que as dificuldades acabam, geralmente, por influenciar o percurso académico dos estudantes, sendo portanto fundamental promover um sentimento de bem estar pessoal, social e académico nos estudantes desde início.

Uma instituição de ensino de qualidade deve ser capaz de promover e estar atenta às condições de adaptação de todos os seus estudantes. Neste sentido, as instituições de Ensino Superior, devem ser capazes de reunir um conjunto de estratégias que favoreçam a adaptação dos estudantes a este nível de ensino, desde o começo. Esse esforço não deve ter apenas em consideração a vertente académica, mas também a vertente social e pessoal, ou seja, de acordo com Tavares (2008) é necessário que haja um esforço por parte dos órgãos responsáveis em proporcionar as condições necessárias para que os estudantes se sintam bem, não só com a instituição mas com toda a comunidade académica. Através do estudo empírico realizado, conclui-se que, relativamente às escolas de ensino superior sobre o qual foi realizado este estudo, é feito um esforço, reconhecido pelos estudantes, em garantir as condições necessárias para facilitar o processo de adaptação de todos os estudantes, isto é, existe não só uma preocupação em garantir boas condições físicas aos estudantes, uma preocupação em criar momentos que permitam ‘dar voz’ aos estudantes, assim como, uma cultura relacional de suporte não só ao nível académico mas também pessoal, que se traduz nas boas relações entre docentes e estudantes, entre docentes e entre estudantes.

Bibliografia

- Antunes, Celso (2003). Relações interpessoais e auto-estima: a sala de aula como espaço do crescimento integral. Petrópolis: Editora Vozes
- Castells, Manuel (2003). O Poder da Identidade. Lisboa : Fundação Calouste Gulbenkian.
- Dias, Sónia Ferreira (2006). Educação pelos pares: uma estratégia na promoção da saúde. Lisboa: Universidade Nova de Lisboa
- Dubet, François. (2002). Le déclin de l’institution. Paris: SEUIL.

- Fernandes, António Teixeira [coord.] (2001). *Estudantes do ensino superior no Porto: representações e práticas culturais*. Porto: Edições Afrontamento.
- Ferreira, Nuno Cláudio Silva (2008). *Factores de sucesso e adaptação no ensino superior: personalidade, suporte social e auto-eficácia*. Dissertação de Mestrado Integrado em Psicologia, Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade do Porto.
- Lopes, Amélia & Pereira, Fátima (2012). *Everyday life and everyday learning: the ways in which pre-service teacher education curriculum can encourage personal dimensions of teacher identity*. *European Journal of Teacher Education*. 35(1), 17-38.
- Pascarella, Ernest & Terenzini, Patrick (2001). *How college affects students: findings and insights from twenty years of research*. New York: Paperback Avg.
- Pereira, Anabela S. (2005). *Para obter sucesso na vida académica – apoios dos estudantes pares*. Aveiro: Universidade de Aveiro
- Sá, Maria José, Ferreira, Elisabete & Ramos, Kátia. (2011). *Teachers' Knowledges and Practices: contributions to a reflection on Autonomy and Success in Higher Education* In *Actas ISATT 2011 Conference 04-08 July 2011*, University of Minho, Braga, Portugal
- Santos, Sérgio M. (2000). *A responsabilidade da Universidade na formação de agentes para o desenvolvimento*. In Albertino Gonçalves, Leandro S. Almeida, Rosa Vasconcelos & Susana Caires [eds.], *Da Universidade para o mundo do Trabalho: desafios para um diálogo* (pp. 13-39). Braga: Universidade do Minho, Conselho Académico.
- Sousa, Rita (2009). *Viver a Universidade - um estudo sobre o papel dos organismos universitários no processo de adaptação dos estudantes da FPCEUP*. Dissertação de Mestrado em Ciências da Educação, Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade do Porto, Porto, Portugal
- Stoer, Stephen, Magalhães, António e Rodrigues, David (2004). *Os Lugares da Exclusão Social: Um dispositivo de diferenciação pedagógica*. São Paulo: Cortez Editora.
- Tavares, Diana Amado (2008). *O Superior Ofício de Ser Aluno – manual de sobrevivência do caloiro*. Porto: Edições Sílabo.
- Zabalza, Miguel A. (2004). *O ensino universitário: seu cenário e seus protagonistas*. Porto Alegre: Artmed.